

O BRINCAR DAS CRIANÇAS INDÍGENAS JERIPANKÓ

Tailde Correia da Silva¹
Denílson Diniz Pereira²
Maykon Borges Fonseca³
Rosa Denise Diniz Pereira⁴

RESUMO

Analisar o brincar das crianças indígenas da aldeia Jeripankó da terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas, pondo em questão as relações construídas. Nesse sentido, o âmbito educacional torna-se espaço para desenvolver e mostrar o sentido do brincar na formação pessoal e profissional de cada sujeito em particular o indígena, uma vez que a ação pedagógica por meio de atividades lúdicas direciona estímulos significantes na aprendizagem das crianças indígenas. Dessa forma, este estudo está centrado diretamente nas vivências das crianças Jeripankós que por sua vez possuem acima de tudo uma cultura e um modo de educação já formado, mantendo sua tradição viva mediante qualquer prática pedagógica, considerando ainda, uma reflexão acerca da prática educativa de novos métodos de ensino. A metodologia utilizada nesta pesquisa de campo foi descritiva pautada em Gil (2008), utilizando-se de uma abordagem qualitativa, conforme Oliveira (2012). Participaram da pesquisa a aldeia Jeripankó terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas, o período de realização da coleta de dados teve a duração de aproximadamente cinco meses a contar do momento do levantamento bibliográfico. Da análise temático-categorial emergiram categorias a fim de facilitar a discussão dos resultados. Refletir e apresentar alguns estudos a partir da pesquisa de revisão integrativa sobre o brincar das crianças indígenas Jeripankó. Assim é necessário que ações concretas para o fortalecimento da infância indígena Jeripankó sejam realizadas de maneira articulada, coordenada e com continuidade, de forma que possam contribuir para a sobrevivência das culturas indígena promovendo o desenvolvimento permanente, sem a perda da identidade étnica e de sua cidadania. Diante dessa perspectiva, as crianças indígenas em sua realidade possuem uma espiritualidade livre, e é por meio dessa liberdade que buscaremos mostrar a relevância do educador trabalhar respeitando cada necessidade, singularidade e vivência.

Palavras chave: Brincar. Crianças Indígenas. etnia Jeripankó.

INTRODUÇÃO

“creio que sejam o meu grande amor. Mas as amo pouco, quase invisível porque não tenho um coração que ame tanto. Entre todas as coisas que amo, elas são as coisas que mais amo, mas é sempre um pequeno amor o que posso dar a elas”. Padre Augusto Gianola comparando o seu amor pelas crianças indígenas.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, tainaah.correia@gmail.com;

² Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUC/MG e Professor da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, denilsondinizp@gmail.com;

³ Graduado em Psicologia pela Universidade José Rosário Vellano-Unifenas/MG, mayfonseca27@gmail.com;

⁴ Graduada em Pedagogia pela Uni Nilton Lins rosadenisebelle@gmail.com

Para o desenvolvimento desta pesquisa de campo tivemos como companheiro a beleza do pôr e do nascer que conduziram-nos para o desenvolvimento com sabores das frutas alagoanas, hora doce, hora amarga e hora azeda, sendo também um momento propício para refletir sobre a permanência e incorporação de novas maneiras de brincar no contexto da infância das crianças indígenas Jeripankó, no que insistimos que qualquer forma de brincar possa servir para evidenciar as dimensões da cultura e da vida social dos povos indígenas do Brasil.

Ao pesquisar o brincar das crianças indígenas Jeripankó, algumas etnias não deixam fazer referência às crianças diante da importância que elas possuíam dentro da sociedade indígena.

A criança indígena Jeripankó participa de todas as atividades junto aos adultos, auxiliando nas lutas e reivindicações dos adultos.

Encontramos certas práticas lúdicas, a exemplo do jogo da bola. Neste tipo de jogo, a bola de borracha pode ser também uma cabeça de animal, um emaranhado de palhas de milho, sementes de frutas da Amazônia ou outro tipo de material, contanto que dê a forma esférica e possa-se movimentar com rapidez e exigindo-se dos jogadores apenas destreza necessária à continuidade do jogo, não chegando a se destacar uma atitude lúdica apenas vivenciada pelas crianças, visto que, mesmo com relação às atividades consideradas de trabalho, as crianças participam desde a tenra idade.

As crianças vivem num cenário bastante natural, próximo de suas tradições e costumes, rodeados por animais e beleza encontrada nas matas. Caçam e trabalham com os mais velhos e aprendem a se proteger de animais sem temê-los, participando da colheita de milho, mandioca e no preparo da farinha, além de aprenderem a arte de retirarem suas vestimentas (croá) advindas da flora e orientar-se pelo caminho do mato.

As meninas desde muito cedo desempenham tarefas exclusivas como: cuidar das crianças pequenas, dar-lhes alimentação e os cuidados necessários. Também plantam, cuidam das roças, colhem milho, feijão, arroz, fazem farinha e também são responsáveis pela confecção de artefatos, utilizando materiais obtidos da diversificada fauna e flora, desenvolvendo o que Iturra (1997) chamou de Aprendizagem pragmática, que acontece na relação entre crianças e seus pais que ensina comportamento e valor dos elementos.

Cohn (2005), afirma, ainda, que a antropologia reconhece a criança como sujeito social ativo e atuante, produtor mais que receptor de cultura, portanto, consideramos que o

brincar da criança indígena pode ser um conteúdo importante na prática pedagógica na Educação Escolar Indígena, mesmo que em muitos momentos torna-se invisível, levando em conta que o desenvolvimento da criança é mediado por situações imaginárias, instrumentos simbólicos de diferentes significados e ações, os quais permeiam sua experiência acumulada a partir da inserção e aprendizado na interação social dentro e fora da aldeia.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa de campo foi descritiva, pois para Gil (2008), esse tipo de pesquisa tem como um dos seus principais objetivos, descrever características ou fenômenos de uma determinada população. O estudo utilizou-se de uma abordagem qualitativa, pois de acordo com Oliveira (2012), os procedimentos analíticos que envolvem este tipo de abordagem não podem ser predefinidos, de acordo com Oliveira (2012, p.60).

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto da pesquisa.

Participaram da pesquisa crianças indígenas da etnia Jeripankó e o período de realização da mesma teve a duração de aproximadamente cinco meses a contar do momento do levantamento bibliográfico.

Os pesquisadores utilizaram como instrumento de coleta de dados a observação relacionada à infância e o brincar das crianças indígenas.

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi feita de forma aleatória e após todos os trâmites, iniciou-se a observação dos sujeitos do estudo, para assim ter um melhor entendimento dos comportamentos anteriormente observados. As observações foram realizadas no município de Pariconha no estado de Alagoas e depois de toda essa etapa foi possível conhecer O brincar das crianças indígenas Jeripankó.

As crianças, juntas com os adultos, jogam futebol, imitam bichos, modelam bichinhos de barro, tomam banho e brincam no rio. Pelo mato pulam e passam por baixo do cipó, brincam de queimada, barra-bandeira, carrinho de mão, fazem colar e tecem palha, dançam e cantam toantes Jeripankó. Observa-se que o brincar oferece à educação cultural e ao desenvolvimento das crianças indígenas, subsídios de continuidade da tradição que os identifica, pois o brincar das crianças indígenas serve para evidenciar as dimensões da cultura

e da vida social. Silva & Nunes & Macedo (2002), Nascimento & Brand & Agulera Urquiza (2006) Tassinari (2001).

Assim, conforme Wajskop, (1996) e Zanella (2002), destacaram a prevalência das brincadeiras junto à natureza, nos rios e nas matas, todos juntos, crianças, pais e parentes. Essa é uma característica do modo de brincar de muitas crianças indígenas pelo Brasil e também a incorporação de novos modos de brincar, devido à aproximação com a cultura dos brancos.

DESENVOLVIMENTO

A escola entrou na comunidade indígena como um corpo estranho, que ninguém conhecia. Quem a estava colocando sabia o que queria, mas os índios não sabiam, hoje os índios ainda não sabem para que serve a escola. E esse é o problema. A escola entra na comunidade e se apossa dela, tornando-se dona da comunidade, e não a comunidade dona da escola. Agora, nós índios, estamos começando a discutir a questão (KAINGANG apud FREIRE, 2004:28).

Quando nos propomos a pesquisar o brincar das crianças indígenas Jeripankó precisamos ter clareza de que estamos entrando num universo extremamente complexo, pois trata-se de um contexto multiétnico e composto de uma enorme diversidade cultural. Quando falamos em índios, precisamos estar cientes de que existe uma grande diversidade de povos, cada qual com sua cultura, seus costumes, suas crenças, modos de viver e de conceber o mundo. Essa diversidade nos impõem a necessidade de desconstruir a idéia do índio que encontra-se generalizada no imaginário da população brasileira, a fim de eliminar equívocos de que “índio é tudo igual”.

O brincar, oriundo da cultura indígena foi introduzido pelos brancos fazendo parte da infância das crianças brasileiras, e assim vice e versa.

Para Ariès (1978), a idéia de infância foi uma transformação social e histórica, e, surgiu apenas por volta do século XIII.

“A vida era a continuidade inevitável, cíclica, uma continuidade inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que na experiência real, pois poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas as idades da vida naquelas épocas de grande mortalidade.” (Ariès, 1878, p. 39).

Cohn (2005), no século XVI, as crianças ocidentais participavam das relações educativas com os adultos e eram consideradas os brinquedos encantadores da família, pois eram mimadas e consideradas um campo de divertimento.

Para Fernandes (1989), nos séculos XVI e XVII, as crianças indígenas brincavam sem se separarem dos adultos e cultivando atividades para sua subsistência e em muitas situações, não eram consideradas como exclusivas de um, nem do outro, mas fazendo parte do cotidiano do mundo indígena, como por exemplo, caçar pequenos animais, abater aves e pescar com arcos e flechas.

Del Priore (2002) afirma em relação a esse tipo de tratamento para com as crianças pequenas da época, brincava-se com crianças pequenas como se brincava com animaizinhos de estimação. Nas grandes famílias extensas da Europa ocidental, onde a presença de criança de todas as idades e colaterais era permanente, criava-se uma multiplicidade de convivências que não deixavam jamais os pequeninos sós.

Observa-se assim que os sujeitos deste trabalho passaram por todo um caminho de expropriação e aculturação.

Silva, Macedo e Nunes (2002) em sua obra em que tratam das crianças indígenas, apresentam seis princípios que orientariam o novo paradigma para o estudo da infância, são eles:

1. A infância deve ser entendida como uma construção social, fornecendo assim um quadro interpretativo para os primeiros anos da vida humana. [...].
2. A infância deve ser considerada como variável de análise social, tal como gênero, classe ou etnicidade, [...].
3. As relações sociais e a cultura das crianças são merecedoras de estudos em si mesmas, independente da perspectiva e dos interesses dos adultos.
4. As crianças devem ser vistas como ativas na construção e determinação de sua própria vida social, na dos que as rodeiam, e na da sociedade na qual vivem. As crianças não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais.
5. A etnografia é um método particularmente útil ao estudo da infância. [...].
6. A infância é um fenômeno em relação ao qual uma dupla hermenêutica das ciências sociais está presente, ou seja, a proclamação do novo paradigma da sociologia da infância também deve incluir e responder ao processo de reconstrução da infância na sociedade.

A análise através da antropologia da criança deve também abranger outros campos que, serão fundamentais para entender o que significa ser – e deixar de ser – criança nesses contextos. Por exemplo, a concepção da pessoa humana e de sua construção pode ser imprescindível para entender como se compreende e vivencia o período da vida em que se é criança (SILVA, MACEDO e NUNES, 2002, p.18).

Nobre (2007), apoiado em Silva, Macedo e Nunes (2002), nos informa a precariedade de estudos sobre infância indígena, discute as concepções de infância que permeiam as propostas de escolarização para as crianças indígenas.

A infância é um fenômeno caracteristicamente moderno, uma invenção da modernidade. Como uma crítica a esse posicionamento, Dornelles e Bujes (2012a, p. 12-13) escreve:

Nos seus inícios, o meu modo de ver a infância não diferia muito das visões dominantes que a seu respeito vigem na sociedade. Uma infância marcada especialmente pelo signo da diferença. As crianças vistas como desiguais, desprotegidas, exploradas, excluídas, nos extratos majoritários da população. Ou ainda, como diferentes porque inocentes, imaturas tanto do ponto de vista social quanto cognitivo, “seres sem falta”, cujo “outro” seria o adulto. Uma infância como passagem – um estado até certo ponto indesejável, impróprio, pouco confortável – cujas marcas diferenciadas/diferenciadoras precisavam, no plano individual, ser rapidamente superadas, apagadas, esquecidas. Crianças que dependiam inapelavelmente da proteção e da autoridade dos mais velhos para se aproximarem do ideal de realização humana: seres maduros, equilibrados, produtivos, centrados, coerentes, racionais, no controle de suas emoções. Adultos, enfim!

RESULTADOS E DISCURSÕES

Os desafios encontrados na prática educativa ainda são grandiosos, para tanto as transformações globais traz para o campo educacional novas possibilidades, uma vez que o educador tem chances de renovar-se com especializações específicas. Os resultados desta pesquisa trouxeram até aqui o quão é importante valorizar a realidade do aluno, pois ao relatarmos o brincar das crianças indígenas Jeripankó consideramos sua liberdade mostrando a importância da construção indenitária, torna-se inteiramente necessário fazer do ensino escolar indígena a própria realidade da criança. É preciso olhar para educação além da soberania, enxergando-a como uma caixa de conhecimentos que a criança pode aprender sem restringir seus valores, uma vez que ensino sistematizado também é feito com o brincar livre. A realidade da criança Jeripankó difere de muitas outras comunidades indígenas pela aproximação das cidades e pelo meio em que está inserida, mas o ato de pertencimento não deixam as crianças vivenciarem do seu jeito o brincar livre ao fortalecimento das margens culturais.

A pesquisa elaborada no campo escolar e fora dele, mostram que as crianças indígenas carregam sua cultura do social para a sistematização do ensino, sendo que as brincadeiras

indígenas mesmo sendo fonte dos antepassados ainda permanecem na vida de muitas crianças que vivem em uma aldeia, pela simplicidade e pureza de uma criança ver o mundo. Ao retratarmos os métodos dos educadores buscamos proporcionar uma ação reflexão sobre sua própria prática educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada permitiu-nos apontar que o desenvolvimento da criança Jeripankó que ocorre por meio dos processos mediados por instrumentos simbólicos e representacionais, vividos na própria tradição desse povo, por meio da transmissão dos conhecimentos pelos mais velhos, favorece a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades físicas e sociais, pois a criança tem direito de brincar.

Considerando o brincar enquanto foco de pesquisa, podemos apontar duas características fundamentais encontradas durante o estudo: primeiro, para compreendermos o sentido do brincar para os povos indígenas é necessário estarmos imersos no seu cotidiano e segundo, adultos e crianças muitas vezes participam juntas de diversas brincadeiras, seja dançando, cantando ou brincando na mata.

Discutir acerca dos povos indígenas enfatizando a vivência das crianças nos leva a observar o quanto é grandiosa a diversidade existente em cada realidade. Consideramos até aqui a necessidade de educadores evidenciarem o significado de ser indígena, em que cada povo carrega em sua realidade um modo de vida diferenciado, que vai muito além da formação educacional. Educação para o povo Jeripankó está centrado não só no âmbito de ensino sistematizado, mas entrelaça seu meio convivente, apreciando desde o pisar descalço na terra até o dançar das cantigas tradicionais dos rituais. A naturalidade da criança indígena caminha pela liberdade do brincar livre, promovendo uma construção significativa de sua identidade.

A pesquisa também traz em foco oportunidades de novos olhares para o ser indígena, tendo em vista que a definição para o termo “cultura” centraliza em um único significado, para tanto o modo cultural que cada ser abraça em sua realidade torna esse termo diferente. Analisar a aldeia Jeripankó e o brincar das crianças é dá uma volta as brincadeiras passadas respeitando a realidade presente em que muitas vezes são atribuídas pelas mudanças sociais, os Jeripankós não vivem à beira de rios e nem isolados do mundo da forma que são postos frente aos estereótipos, mas carregam em sua raiz a importância da criança ser acima de tudo

uma criança aprendiz para sobrevivência, sendo uma formadora de saberes pela sua própria origem não desvalorizando os conhecimentos do ato pedagógico.

Enfim, falar da infância nos faz lembrar um tempo saudoso e muito agradável de nossas vidas e ao nos depararmos com a infância indígena, estas memórias se fazem presentes. Desta forma, procuramos nos vestir a sensibilidade necessária, para com o olhar atento, captar e nos deixar seduzir pelas coisas mais simples do mundo.

REFERÊNCIAS

- Ariès, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- Cohn C. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.
- Del Priore M. *História das Crianças no Brasil*. (3ª ed). São Paulo: Contexto, 2002
- DORNELLES, Leni V. e BUJES, Maria Isabel E. (orgs). *Educação e Infância na Era da Informação*. Porto Alegre: editora Mediação, 2012.
- Fernandes F. *A organização social dos tupinambás*. São Paulo: Hucitec/ Brasília: UnB. 1989.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. In: *Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis - tempo de novo descobrimento*. Rio de Janeiro: Ibase, 2004. p. 11-31.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social* / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- ITURRA, R. *O imaginário das crianças: os silêncios da cultura oral*. Lisboa: fim de século, 1997.
- LIMA, Deborah de Magalhães. *A construção histórica do termo Caboclo sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico*. Novos Cadernos NAEA v. 2, n. 2 – dez. 1999.
- NASCIMENTO, Adir Casaro & BRAND, Antônio J. & AGULERA URQUIZA, Antônio H. Entender o Outro – *A criança indígena e a questão da Educação Infantil*. In: Reunião da ANPED Anped, Caxambú, 2006.
- OLIVEIRA, M. M. de. *Abordagem qualitativa. In: como fazer pesquisa qualitativa*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SANTOS, Diego Junior da Silva; PALOMARES, Nathália Barbosa; NORMANDO, David; QUINTÃO, Cátia Cardoso Abdo. *Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2018.

SILVA, Araci Lopes da; MACEDO, Ana V. L. da S.; NUNES, Ângela (Orgs.). *Crianças Indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação*. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawaii Leal. *Antropologia, história e educação*. São Paulo: Global, 2001.

VASCONCELLOS, Vera M. R.; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Orgs.). *Infância (in)visível*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007

Wajskop, G. *Concepções de brincar entre profissionais da educação infantil: implicações para a prática institucional*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 1996

Zanella AV, Lessa CT, Da Ros, SZ *Contextos grupais e sujeitos em relação: contribuições às reflexões sobre grupos sociais*. *Psic Reflex Crít*, 2002.

Disponível em: <http://sigor256.blogspot.com/2014/08/a-educacaoindigena-segue-sua-trajetoria.html>. Acesso em 16 de março de 2019.

ANEXOS



Foto n.º 01: Escola Jeripankó na terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas-AL.

Fonte: Silva, 2019.



Foto n.º 02: Brincadeira na Escola Jeripankó na terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas-AL.

Fonte: Silva, 2019.



Foto n.º 03: Ritual Jeripankó na terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas-AL.

Fonte: Silva, 2019.



Foto n.º 04: Brincadeira Jeripankó na terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas-AL.

Fonte: Silva, 2019.



Foto n.º 05: Brincadeira Jeripankó na terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas-AL.

Fonte: Silva, 2019.



Foto n.º 06: Participação das crianças em ritual Jeripankó na terra indígena Ouricuri, situada no município de Pariconha no estado de Alagoas-AL.

Fonte: Silva, 2019.